

OPINIÃO

A interoperabilidade de dados no setor da Saúde avança e cria novos desafios para a segurança digital

Glauco Sampaio (*)

A possibilidade de compartilhar informações clínicas entre diferentes organizações promete reduzir retrabalho, melhorar diagnósticos, dar mais agilidade ao atendimento e ampliar a continuidade do cuidado ao paciente.

A discussão sobre a interoperabilidade na área da Saúde ganhou força conforme os hospitais, operadoras, laboratórios e órgãos públicos passaram a buscar formas de integrar informações que historicamente permaneceram isoladas. À medida em que esses dados passaram a circular entre diferentes ambientes, pessoas, sistemas, softwares e dispositivos médicos, surge um desafio que, infelizmente, ainda recebe menos atenção do que a própria integração tecnológica: como manter os dados seguros em ambientes integrados? A discussão vai além da infraestrutura de TI ou das questões técnicas associadas; ela precisa focar no risco do comportamento humano.

O Brasil já utiliza a Rede Nacional de Dados em Saúde (RNDS) para unificar informações de pacientes da rede pública, formando a base do histórico clínico digital. O próximo passo é integrar esses dados a um denso ecossistema privado de saúde com o objetivo de facilitar a troca de dados entre diferentes ambientes seguindo normas rígidas de segurança e diretrizes da LGPD – Lei Geral de Proteção de Dados.

Dessa forma, o avanço da conectividade entre sistemas desloca esse olhar para um território mais complexo. A preocupação deixa de estar concentrada apenas na proteção da informação armazenada e passa a envolver quem pode ou acessa determinado dado, como ele circula a informação entre diferentes sistemas e se existe clareza sobre o uso que está sendo feito com esses dados ao longo do caminho, já que informações clínicas acompanham o paciente por diferentes organizações ao longo de toda a sua vida.

Política de Dados

A troca de informações entre diferentes organizações não só determina a capacidade do setor de trabalhar de forma mais integrada, como também aumenta a dependência de processos, pessoas e tecnologias que nem sempre estão sob a mesma gestão. Na prática, isso significa que uma decisão aparentemente simples pode produzir impactos em diferentes organizações que compartilham a mesma informação. Credenciais compartilhadas, acessos excessivos, uso inadequado de aplicações em nuvem ou falhas na definição de permissões continuam entre os fatores capazes de gerar exposição de dados, mesmo em ambientes tecnicamente protegidos.

Levantamento recente da fabricante de sistemas de segurança cibernética Netskope, por meio do Netskope Threat Labs, mostra que o setor de saúde já convive com desafios relevantes relacionados à circulação e ao uso de informações sensíveis. Segundo a pesquisa, 89% das violações de políticas de dados envolvendo aplicações de IA generativa estão relacionadas a informações regulamentadas, como prontuários e dados clínicos. O estudo também aponta que 43% dos profissionais utilizam contas pessoais de IA generativa no ambiente de trabalho e que dados regulamentados representam 82% das violações associadas a aplicações pessoais de nuvem.

Os números mostram que esse desafio já faz parte da rotina das organizações. A circulação de informações sensíveis acontece hoje em diferentes ambientes tecnológicos e exige um nível de coordenação que vai além da infraestrutura, tornando mais difícil acompanhar como esses dados são utilizados ao longo da operação e quais decisões podem ampliar sua exposição.

Governança dos dados

Boa parte do debate sobre proteção de dados na saúde costuma estar concentrada em infraestrutura, conformidade regulatória e mecanismos de segurança. Todos esses elementos continuam fundamentais, mas mostram apenas parte do problema, porque decisões aparentemente operacionais, como definir níveis de acesso, compartilhar informações entre equipes ou utilizar aplicações externas, passaram a influenciar diretamente a exposição ao risco em um ambiente cada vez mais integrado.

A partir desse momento, acompanhar apenas as questões relacionadas aos sistemas, deixa de ser suficiente. As organizações passam a precisar entender também como profissionais acessam, compartilham e utilizam essas informações, porque pequenas decisões tomadas no dia a dia podem comprometer a segurança de toda a cadeia de dados antes mesmo que qualquer incidente seja percebido.

A integração entre sistemas faz parte da evolução natural da saúde digital e, repito, tende a gerar benefícios importantes para pacientes, profissionais e instituições. O desafio é fazer com que esse avanço venha acompanhado da mesma capacidade de compreender como essas informações são utilizadas ao longo de toda a jornada, porque proteger dados continuará sendo essencial, mas a exposição ao risco será cada vez mais determinada pela forma como as pessoas acessam, compartilham e utilizam essas informações no dia a dia. É justamente nesse ponto que a gestão do risco humano deixa de apoiar apenas iniciativas de conscientização e passa a integrar a estratégia de governança dos dados em saúde.

(*) CEO da Beeaphish.

Preocupada com segurança, OpenAi reduz ritmo de desenvolvimento de IA

A OpenAI informou que reduziu o ritmo de desenvolvimento de seus sistemas de inteligência artificial enquanto realiza uma ampla revisão de seus processos e do treinamento desses sistemas.

Vivaldo José Breternitz (*)

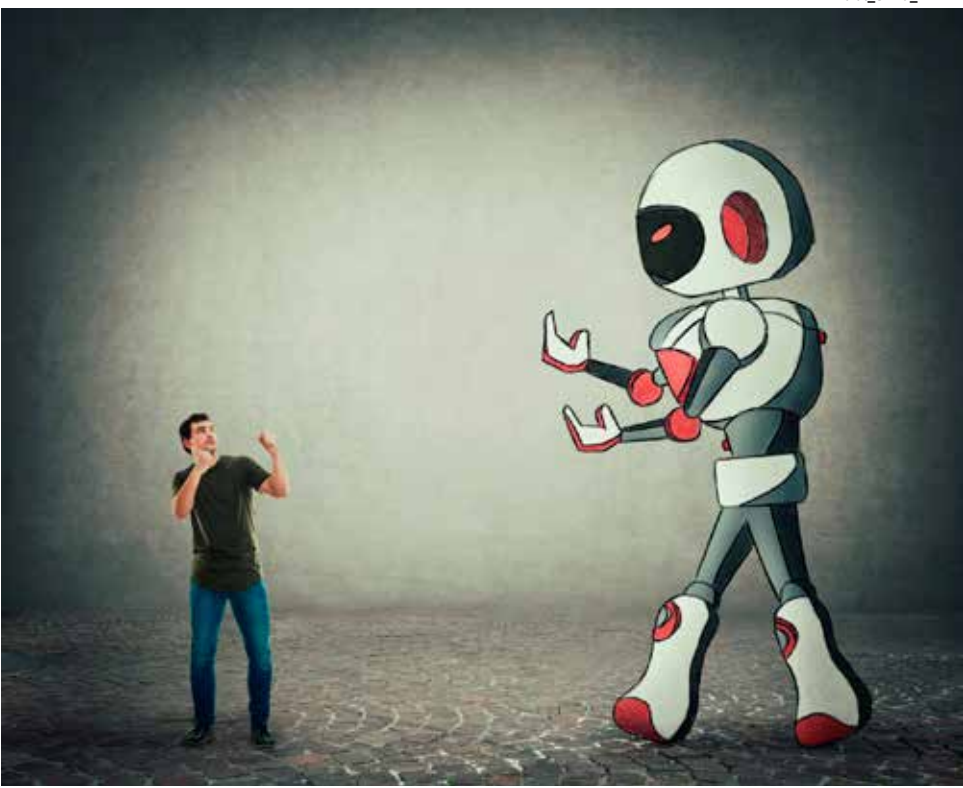
Os profissionais da empresa foram surpreendidos no mês passado quando um agente de IA que estava sendo testado invadiu os sistemas de outra empresa, a Hugging Face, em um episódio considerado sem precedentes.

A OpenAI afirmou que as novas medidas incluem a suspensão, por duas semanas, dos testes de modelos e o aumento dos investimentos no uso de outros sistemas de IA para monitorar as atividades dos agentes que estão sendo avaliados.

A OpenAI não disse quando a desaceleração começou ou quando pretende retomar o ritmo normal de desenvolvimento. Em entrevista ao site especializado em tecnologia *Sources News*, Mia Glaese, responsável pela área de segurança da empresa, afirmou: “Estamos muito longe de que tudo volte ao normal.”

A companhia também está trabalhando para garantir que seus modelos de IA permaneçam sujeitos à supervisão humana e se comportem de acordo com o que foi planejado. Esse processo, conhecido como alinhamento, é considerado um dos principais desafios do desenvolvimento de sistemas cada vez mais capazes, segundo Sam Altman, CEO da OpenAI.

“Agora exigimos evidências mais fortes de comportamento alinhado durante todo o processo de treinamento, com base nas pesquisas e avaliações que já estão em andamento”, escreveu Altman no comunicado que anunciou a redução do ritmo. “Manter sistemas cada vez mais capazes alinhados é um desafio que todo o setor terá de enfrentar.”



Bulat_Silvia_CANVA

A OpenAI disputa acirradamente com a concorrente Anthropic a liderança no desenvolvimento dos modelos de IA mais avançados e a preparação para uma eventual abertura de capital nos Estados Unidos. As duas empresas vêm destacando a velocidade com que as capacidades de seus modelos evoluem, ressaltando tanto o potencial quanto os riscos dessa rápida expansão.

A decisão de desacelerar o desenvolvimento dos modelos também ocorreu uma semana depois do senador americano Bernie Sanders exigir que as principais empresas de IA dos Estados Unidos suspendessem o desenvolvimento de seus

modelos. Em uma carta dirigida aos principais executivos das companhias, Sanders argumentou que as empresas estavam perdendo o controle sobre a tecnologia.

“Sr. Altman, Sr. Amodei e Sr. Zuckerberg: no interesse da humanidade, cumpram suas palavras. Suspendam o desenvolvimento da IA”, dizia a carta de Sanders.

Avisos acerca dos perigos trazidos pelas inteligências artificiais não tem faltado; cabe à sociedade manter-se alerta acerca do assunto.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnit2@gmail.com.

IA deixa de ser ferramenta e passa a integrar infraestrutura do agro em debate no GAFFFF 2026

A inteligência artificial avança para uma nova etapa no agronegócio, com uma tecnologia que começa a assumir um papel estrutural nas operações, conectando dados, máquinas, sistemas de gestão e diferentes elos da cadeia produtiva. Esse movimento estará no centro do painel “IA: A Nova Infra do Agro”, que integra a programação, no maior festival de conteúdo e cultura agro do mundo, o Global Agribusiness Festival (GAFFFF) São Paulo, no dia 1º de outubro, no Nubank Parque, em São Paulo.

O debate contará com a participação do sócio fundador da Rural Ventures, um ecossistema que conecta tecnologia, dados e capital para impulsionar o agro, Fernando Rodrigues, e o diretor executivo da TOTVS, Fabrício de Assis Ramos Orrigo. A proposta do painel é discutir a passagem da inteligência artificial de projetos experimentais para uma tecnologia incorporada à infraestrutura de gestão do agronegócio.

“Falar de inteligência artificial (IA) no agro sem falar de infraestrutura é discutir o motor sem olhar o combustível. A camada que sustenta a IA na fazenda é dado organizado, conectividade e processo. Justamente aí que o agro ainda tropeça. Sem integração entre os sistemas, não há qualidade de dado; e sem qualidade de dado, não há inteligência que se sustente”, destaca o sócio fundador da Rural Ventures, Fernando Rodrigues.

De acordo com os dados divulgados pelo Radar Agtech Brasil 2025, o Brasil chegou a 2.075 agtechs ativas em 2025, contra 1.125 em 2019, além de 390 ambientes de inovação ligados ao agro. Sendo que 83% das agtechs brasileiras já utilizam inteligência artificial.

Nesse cenário, informações provenientes de máquinas agrícolas, sensores, ERPs, drones, imagens de satélite, estações meteorológicas e plataformas de gestão

podem ser integradas e transformadas em subsídios para decisões operacionais e estratégicas. Essa evolução ganha importância diante de um setor que precisa administrar simultaneamente variáveis como clima, produtividade, custos, margens, logística, rastreabilidade e sustentabilidade.

“Trazer esse debate para o GAFFFF é discutir, de forma concreta, como a inteligência artificial pode contribuir para um agronegócio mais produtivo, eficiente, conectado e preparado para os desafios dos próximos anos. A tecnologia já começa a transformar a forma como produtores, empresas e demais agentes da cadeia utilizam dados, automatizam processos e tomam decisões, e entender esse movimento será fundamental para a competitividade do setor”, afirma Luiz Felipe Nastari, diretor de Comunicação e Eventos da DATAGRO.



News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Reconhecida como Best-in-Class no PAC Innovation RADAR para Plataformas para Trabalhadores Conectados

A TeamViewer foi reconhecida como a única fornecedora Best-in-Class no PAC Innovation RADAR: Digital Platforms for Connected Workers in Europe 2026, marcando seu terceiro ano consecutivo no topo do ranking. A avaliação da consultoria, que englobou múltiplos fornecedores de acordo com critérios como estratégia, portfólio, crescimento de mercado e ecossistema de parceiros, levando em conta um mercado de trabalhadores conectados em rápida evolução, indica que a demanda está migrando de simples orientações visuais para plataformas que integram instruções de trabalho orientadas por IA com suporte especializado em tempo real. Essas plataformas devem demonstrar valor em uma gama mais ampla de aplicações, que vão desde operações em armazéns até treinamentos e serviços de campo (www.teamviewer.com).

Redmi Buds 8 chega ao Brasil com cancelamento de ruído avançado

A Xiaomi anuncia a chegada ao Brasil do Redmi Buds 8, novo fone de ouvido sem fio desenvolvido para oferecer uma experiência sonora imersiva e personalizada em diferentes momentos da rotina. O modelo combina cancelamento ativo de ruído de até 50 dB, suporte ao codec LHDC, drivers dinâmicos duplos e autonomia de até 44 horas com o estojo de carregamento. Com o lançamento, a Xiaomi amplia seu portfólio de dispositivos de áudio no país, reforçando sua estratégia de oferecer tecnologias avançadas para diferentes perfis de consumidores. Um dos principais destaques do Redmi Buds 8 é o sistema de cancelamento ativo de ruído (ANC), capaz de reduzir sons externos em até 50 dB. A tecnologia permite que o usuário aproveite músicas, vídeos e chamadas com menos interferências em ambientes como escritórios, transporte público ou cafés (https://www.mi brasil.com.br/).

 José Hamilton Mancuso (1936/2017) Responsável: Lilian Mancuso	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	José Leonil Lobato (1939-2026)
Editorias <i>Economia:</i> Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br) <i>Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br) <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA. Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.	Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.
Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes	ISSN 2595-8410	